

## Os “centros de excelência” em ciências humanas e sociais e sua inserção nas comunidades científicas emergentes do Leste Europeu

*Mihai Dinu Gheorghiu\**

**Resumo:** O texto aborda a aparição de novas instituições de ensino superior no Leste Europeu após o fim do regime socialista. Novos centros de excelência em ciências humanas e sociais foram fundados, marcando a difusão de um modelo liberal de instituição, bem como a definição que lhe é própria de excelência intelectual. A internacionalização teve uma dimensão central nessas transformações: adoção de novos modelos, abertura de estabelecimentos privados – sendo que alguns deles foram financiados por capital estrangeiro – e entrada nos circuitos de troca internacional de docentes e estudantes. Sendo assim, a proposta deste artigo é enfatizar as transformações provocadas no ambiente universitário, as disciplinas que representam a excelência intelectual nos diversos países, levando em conta que um estudo desse tema deve começar partindo de definições preliminares, estabelecendo alguns parâmetros históricos e fazendo escolhas no recolhimento do material empírico, a fim de escapar à fluidez do discurso dominante.

**Palavras-chave:** Sociologia da Educação, Leste Europeu, ensino superior, instituições de elite, centros de excelência.

**Abstract:** This text approaches the surge of new higher education institutions in East Europe after the end of the socialist regime. New excellence centers for human and social sciences were founded, establishing the diffusion of a liberal model of intellectual excellence institutions. Internationalization had a central role in these changes, with the adoption of new models, the creation of private institutions, some of which financed by foreign capital, and teacher and student interchange with other countries. This way, this article is aimed to focus on the changes that take place at universities and the disciplines that represent intellectual excellence in different countries, considering that, in such a study, one must start from the preliminary definitions, establishing some historical standards and making some choices when choosing empirical material, in order to avoid the easy speech of predominant voices.

**Key words:** Sociology of Education, East Europe, higher education, elite institutions, excellence centers.

É possível descrever o antigo sistema de formação das elites dirigentes nos países ex-socialistas como sendo caracterizado por dois momentos históricos dis-

\* Centre de sociologie européenne (CSE) – CNRS – Paris – França. <http://www.ehess.fr/centres/cse>  
Tradução de Ana Rita Uhle.

tintos: em primeiro lugar, a adoção do modelo soviético, principalmente através da imposição de instituições de controle do campo acadêmico pelo partido comunista (as escolas de partido); em seguida, um período de crise desse sistema, que viveu profundas contradições entre as aspirações à profissionalização e à performance científica, por um lado, e o controle ideológico, por outro. A afirmação das “contra-elites” intelectuais – dispendo de um reconhecimento internacional externo ao mundo comunista, amiúde defensoras de um projeto político democrático (“os dissidentes”) – antecedeu e prefigurou as transformações políticas do final dos anos 1980 (EYAL; SZELENYI; TOWNSLEY, 1998). A passagem de um sistema a outro, em particular com o desaparecimento repentino das escolas de partido<sup>1</sup>, cedeu lugar a reformas sucessivas (novas legislações, descentralização e autonomia universitária, etc.) em um quadro denominado de “transição” ou de “transformação”. A internacionalização teve uma dimensão central nessas transformações: adoção de novos modelos, abertura de estabelecimentos privados – alguns deles financiados por capital estrangeiro – e entrada nos circuitos de troca internacional de docentes e estudantes. As antigas formas de circulação internacional – prioritárias nos países da comunidade socialista, mais ou menos reservadas aos *Reisekader*<sup>2</sup> – e o espaço excepcional que ganhava a língua russa foram em grande medida abandonados (GHEORGHIU, 1998, p. 297-318). O antigo mercado escolar, aprisionado e controlado, desintegrou-se em razão da conjuntura do mercado internacional ou dos circuitos regionais e nacionais, para responder a outras prioridades econômicas ou fazer frente a novas configurações culturais.

Nesse contexto foram fundados os novos “centros de excelência” em ciências humanas e sociais nas diversas capitais da nova Europa Central e Oriental: em Budapeste (1992), em Bucareste (1994) ou em Sofia (2000). Seu estabelecimento corresponde à difusão de um modelo liberal de instituição, bem como à definição que lhe é própria de excelência intelectual. A expansão desse modelo no Leste Europeu assemelha-se ao caso das ciências sociais na Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial, como indica a presença das fundações americanas no processo de transferência das competências (a Fundação Soros substituindo de certa forma a Fundação Ford). As novas redes de excelência ocupam uma posição dominante no campo das instituições escolares e não escolares de formação das elites, sem que sejam substitutas do antigo sistema das escolas de partido: elas não estão em posição de monopólio ou de controle das outras instituições e não se trata, absolutamente, de etapas obrigatórias na formação das novas elites. Não há critério de lealdade política aparente no recrutamento dos membros dessas instituições, embora a comunhão de determinados princípios comuns da “sociedade

1. Ver Gheorghiu (2001, p.175-198).

2. Quadros da ex-RDA que tinham o direito de viajar ao exterior.

civil” ou da “democracia” faça parte dos valores políticos afirmados. Sua missão consiste em questionar as fronteiras estabelecidas, sejam elas nacionais (estimulando os intercâmbios regionais e internacionais) ou disciplinares (a interdisciplinaridade compoendo os objetivos prioritários); entretanto, elas estão confrontadas com problemas nacionais: o desenvolvimento desigual dos países ou das regiões, o repasse desigual dos recursos entre as disciplinas e os coletivos científicos, a emigração dos jovens intelectuais (o *brain drain*), etc.

A aparição dessas novas instituições coloca um problema quase experimental à história e à sociologia da educação e aos intelectuais. Muito recentes para terem produzido seu objeto de estudos, elas já dispõem de um capital considerável em termos de projetos de pesquisa sustentados, redes temáticas estabelecidas, associações de *alumni* – funcionando como dispositivos de cooperação intelectual –, bibliotecas ou centros de documentação próprios, constituindo espaços cobiçados para a organização de eventos científicos e artísticos que as colocam, algumas vezes, no centro das atividades mundanas. Parte integrante de um novo modo de dominação, as novas instituições de elite se inscrevem, efetivamente, em uma tradição frequentemente desconhecida por seus membros.

Nessas condições, é legítimo propor um certo número de questões relativas às condições e limites da reprodução do modelo histórico e de suas invariantes. Que transformações a transplantação desse tipo de instituição provocou em um ambiente universitário que não lhe era, *a priori*, favorável? O ambiente era desfavorável, em razão de as prioridades serem há muito tempo atribuídas a um ensino “de massa” e do descrédito que pesava sobre toda forma de “elitismo”. Quais disciplinas representam, neste ou naquele país, a excelência intelectual, e quais são os percursos intelectuais que a ilustram melhor? Uma análise ao mesmo tempo histórica e sociológica dessas novas instituições dificilmente seria monográfica, tal a forma como são constantemente enunciados o funcionamento em rede ou o objetivo de cruzar as redes. Contudo, um estudo desse tema deve começar partindo de definições preliminares; convém estabelecer alguns parâmetros históricos e fazer escolhas no recolhimento do material empírico, a fim de escapar à fluidez do discurso dominante.

A pesquisa realizada em 2002, durante várias semanas em Berlim, Bucareste e Sofia, destinava-se a observar o funcionamento de alguns institutos e centros de excelência em ciências sociais e humanas no quadro do *Socialsciencesnetwork*<sup>3</sup>

3. Essa rede era formada por oito institutos e centros situados em sete países, dos quais cinco já eram membros da União Européia e três eram candidatos (Hungria, Polónia, Romênia). Cf. *Social Sciences Infrastructure Network in a Growing European Community*, Paris, Maison des Sciences de l'Homme, 1999.

– coordenado pela Maison de Sciences de L’Homme (MSH) e pelo Wissenschaft Zentrum Berlin (WZB) – e a recuperar outros parceiros possíveis. O itinerário da pesquisa está incompleto: Paris, Viena e Budapeste seriam incorporadas posteriormente. Realizei cerca de vinte entrevistas nas cidades de Berlim, Bucareste e Sofia, em alemão, francês, inglês e romeno, com responsáveis de programas, pesquisadores convidados ou bolsistas, acerca das modalidades de funcionamento dos intercâmbios, seus efeitos, as possibilidades de manter ou alargar as redes de cooperação, a difusão dos resultados, as traduções, etc. Assim, pude reunir um conjunto diversificado de depoimentos, críticas e propostas a respeito dos programas existentes, a ser completado com outros dados, disponíveis nos balanços, anuários e publicações variadas dessas instituições. Essa pesquisa foi facilitada por minhas próprias experiências de pesquisador migrante, expatriado da Romênia em 1989 – e repatriado em 1997 – tendo estado por um primeiro longo período em Berlim, no Instituto Max-Planck für Bildungsforschung e no Centro Marc Bloch (1994-1995), para em seguida retornar diversas vezes à Alemanha, e, mais recentemente, ao Wissenschaft Zentrum Berlin (2003). O apoio cordial de Hinnerk Bruhns e de Georg Thurn facilitou sensivelmente meu trabalho. Devo muito também à ajuda enviada a Bucareste por Anca Oroveanu, a Sofia por Liliana Deyanova e Svetla Koleva e agradeço também aqui a todos aqueles que aceitaram com boa vontade responder ao meu questionário. Com Jean-Pierre Faguer examinei as possibilidades de construção de tal objeto sociológico e suas sugestões me foram muito úteis.

### A excelência é apenas uma palavra?

Se “excelência” é uma palavra com uso escolar bastante conhecido (“preço de excelência”) e designa, no mesmo campo semântico, os títulos de altos representantes do Estado ou da Igreja (cf. *Le petit Robert*), as instituições que a reivindicam pertencem a campos diferentes, científicos, mas também profissionais ou esportivos, cujo denominador comum é, aparentemente, uma certa forma de “gerenciamento” que associa formação e especialização.

Uma rápida exploração dos *sites* na internet com dispositivo de busca, como Google ou Yahoo revela, por exemplo, grande maioria de instituições canadenses, públicas ou privadas, entre aquelas que exibem sua “excelência” ou concedem “bolsas de excelência”<sup>4</sup>. A partir da frequência de aparecimento da palavra em

4. O programa canadense de *bourses d’excellence du millénaire* concedidas pela associação Congresso Mundial do Petróleo, as *Bourses Sommet de l’excellence de la reine Elizabeth II* concedidas pela província de Ontário, etc. Existe também um *Programme de bourses d’excellence Eiffel* do Ministério das Relações Exteriores da França.

diferentes *sites*, é possível formular a hipótese de que a “excelência” se deslocou dos domínios escolares e esportivos para o domínio da “administração”, ou mesmo da política<sup>5</sup>. As principais características da excelência administrativa são: a fusão de diversas unidades (“o nivelamento dos recursos”), a criação de um modelo operacional comum (“desempenhar as melhores práticas”) e, sobretudo, o investimento na formação<sup>6</sup>.

Enquanto objeto de estudos, as pesquisas sobre “excelência”, “elites” ou inovação científica ou artística estão no cruzamento de várias disciplinas, mas as publicações que assumem especificamente o termo são, antes de tudo, raras; é necessário registrar uma certa apreensão por parte dos pesquisadores<sup>7</sup>.

É nesse contexto que a tradução em francês de *Instituts* ou *Centres for advanced study (studies)* para *Instituts (centres) d'excellence*<sup>8</sup> se explica, ao mesmo tempo, pelo senso comum escolar e os usos recentes na “administração”, como prova seu emprego mais freqüente no francês canadense. A definição de excelência própria a essas instituições reúne algumas qualidades comuns: critérios muito seletivos de recrutamento dos membros, condições de vida e de trabalho especiais, a possibilidade de acumular um capital específico, cujo título “*fellow*”, “bolsista” ou “decano” da comunidade é, por si só, um indicador de excelência. Podem-se reagrupar essas diferentes qualidades em três dimensões:

Em primeiro lugar essas estruturas foram criadas para permitir a uma elite intelectual (científica, mas também artística) escapar durante determinado período das restrições das instituições tradicionais (as universidades, em especial), para se dedicar exclusivamente à pesquisa ou à criação. Assim, elas participam da realização de uma espécie de utopia intelectual (a recusa das condições sociais de produção das obras). A alocação em espaços agradáveis, ou até idílicos, o conforto e, ao mesmo tempo, o acesso aos equipamentos do trabalho intelectual (bibliotecas, material informático) fazem parte dos trunfos dessas estruturas, tanto quanto o

5. Como nesse “Congresso da Excelência”, organizado em 1998, pelo Rassemblement Constitutionnel Démocratique, o partido tunisiano no poder. No site do congresso do partido, que manteve a iconografia revolucionária, a palavra “excelência” é usada com a antiga retórica mobilizadora: fala-se de uma “volta da excelência” após a “Era da Transformação”, que anuncia uma “Era Nova”, etapa seguinte à “batalha da excelência”. ([www.rcd.tn/ambition/congresprec/excellence](http://www.rcd.tn/ambition/congresprec/excellence) e [www.rcd-excellence.tn](http://www.rcd-excellence.tn)).

6. Cf. a definição da excelência no site de escritórios de advogados canadenses: “Para nós, a questão crucial não está em saber no que consiste a excelência profissional, mas em perguntar como podemos alcançá-la pela formação”. ([fr.blgcanada.com/professionals/professionalexcellence.asp](http://fr.blgcanada.com/professionals/professionalexcellence.asp)).

7. É possível citar um antigo relatório de pesquisa de Pierre Bourdieu e Monique de Saint-Martin, *L'excellence scolaire et les valeurs du système d'enseignement français* (Centre de Sociologie Européenne, 1969), uma obra que reúne as contribuições da Sociologia e da Psicologia comportamentalistas em um colóquio financiado por organizações canadenses (JACKESON; RUSHTON, 1987), ou em sociologia do esporte (DEFrance, 1987).

8. Nota do Tradutor: Institutos (centros) de excelência, em português.

montante de seus subsídios ou a qualidade de seus convidados. Desse modo, essas instituições constituem-se em espaços de sociabilidade, favorecendo a integração dos pensadores – considerados solitários por natureza – em equipes e redes de cooperação, estando ao mesmo tempo marcados pela chancela de um “espírito de elite” ao qual estão associadas manifestações de solidariedade ética e política.

Em segundo lugar, o estatuto de elite dessas instituições associa reconhecimento acadêmico e difusão internacional. A cooptação de jovens doutores representa para esta categoria uma primeira consagração, pois essas instituições cumprem um papel na formação para a pesquisa, mesmo que elas não concedam diplomas. Sem estarem completamente abolidas, as relações hierárquicas são sublimadas pela cooptação entre os próprios pares. O acesso a bens raros e específicos (as bibliotecas em particular, mas também as exposições e os concertos), as freqüentes viagens internacionais e a presença de estrangeiros entre os colegas, contribuem para a socialização dos membros desses corpos e para a aquisição de uma cultura cosmopolita que favorece a ruptura com o ambiente social imediato ou de origem.

Em terceiro lugar, os centros e institutos de excelência se diferenciam em razão de seu grau de especialização em domínios particulares de pesquisas, onde vêm mantendo o perfil multidisciplinar, vide vocação interdisciplinar do modelo inicial (Princeton). Ainda que seja impossível prever a partir de uma apreensão ligeira da interferência entre as diferentes redes, pode-se formular a hipótese de que o tamanho das instituições limita ou favorece objetivamente as chances de cruzamento entre os grupos de pesquisadores.

### Esboço histórico e tipológico

A entrada das ciências humanas e sociais no domínio da excelência é relativamente recente em relação às outras disciplinas e parece indispensável fixar algumas balizas cronológicas. A criação, nos anos do 30, do *Institut for Advanced Study* de Princeton parece estar na origem do modelo desses “centros de excelência”. Instituição “independente, privada e totalmente dedicada à pesquisa fundamental”, o Instituto de Princeton exclui toda forma de programa ou de enquadramento escolástico tradicional. A ausência de objetivos imediatos em termos de resultados ou de aplicação, de pesquisa sob contrato ou de tutorado de formação, constitui a principal característica que o “modelo” toma para si<sup>9</sup>. Esse modelo não podia ser

9. O Instituto de Princeton orgulha-se de ter acolhido alguns dos “pensadores mais considerados do século XX” e doze vencedores do Prêmio Nobel, mas também jovens *post-docs* e *senior scholars* do mundo inteiro no *campus* de Nova Jersey. A associação dos “veteranos” possui mais de 5000 membros. Os recursos provêm essencialmente de fundações privadas e de agências governamentais, bem como de doações. Não há relações formais com instituições de ensino, mas boas relações de cooperação com universidades próximas (Cf. <http://www.admin.ias.edu/pr/about.htm>).

aplicado às ciências sociais. Diversas pesquisas históricas mencionam, para o período entre-guerras, o estabelecimento de um paradigma internacional das ciências sociais sob o impulso das fundações americanas privadas, cuja orientação “aplicada” é determinante, seguindo uma política liberal internacionalista e uma ideologia pacifista wilsoniana<sup>10</sup>.

O contexto muda radicalmente após a Segunda Guerra Mundial, em razão da emigração dos intelectuais europeus para os Estados Unidos durante a guerra, do papel desempenhado por eles ao retornarem – na refundação das ciências sociais na Europa liberada – e, sobretudo, devido à nova conjuntura política de Guerra Fria. Ao longo do período de vida de uma única geração, inúmeros cientistas, escritores ou artistas mudaram de país, de instituição, de vinculação, de profissão ou de especialização, alguns deles, por mais de uma vez: essas numerosas rupturas de trajetória contribuem para a composição de identidades especiais<sup>11</sup>. Nessas mesmas condições se constituiu um mercado internacional de ciências sociais, em particular, graças às estratégias de especialistas, tendo como objetivos separar a pesquisa da política, participar na redução do subdesenvolvimento das ciências sociais européias, modernizá-las ao custo de um hiper-empirismo e de uma subversão das tradições intelectuais generalizantes: esses são os termos nos quais Michael Pollak descreve a estratégia intelectual de Paul Lazarsfeld, co-fundador de diversas “multinacionais científicas” no contexto de um “plano Marshall intelectual”<sup>12</sup>.

O segundo momento histórico situa-se por volta de 1970<sup>13</sup> e está marcado pelas reformas que seguiram os movimentos sociais e intelectuais dos anos precedentes. Essas reformas afetaram também os institutos de excelência artística, que

10. Cf. Gemelli (1995, p. 252). Ver também os trabalhos inacabados (infelizmente) de Michael Pollak sobre a Fundação Ford (POLLAK, 1993, p. 381-392). Outros trabalhos históricos permitem aproximar os efeitos da aparição desse mercado científico internacional nos espaços intelectuais nacionais, especialmente na França (MAZON, 1988).

11. Ver, para o caso único de pensadores alemães das ciências sociais emigrados durante a guerra, os relatos e estudos reunidos por Ilja Sruhar (1988).

12. Conselheiro da Fundação Ford em 1951, participando da fundação dos institutos de Ciências Sociais de Oslo e de Viena, Lazarsfeld está presente também no Leste Europeu desde o final dos anos 1950, na Polónia e na Iugoslávia. Aliado de Adam Schaff, dirigindo o Centro europeu de coordenação de pesquisas e de documentação em Ciências Sociais, fundado com a ajuda da UNESCO em Viena, etc. Cf. a reconstituição do itinerário excepcional de Lazarsfeld por Michael Pollak (1979), retomado em Pollak (1993, p. 319-360).

13. Cf. os anos de fundação do *Institute for Advanced Studies in the Humanities* da Universidade de Edimburgo (1969) e do *Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences* (1970). De diferentes dimensões, o primeiro acolhe apenas de 10 a 12 *fellows* por ano; o segundo, 40 para um período de dez meses a cada ano. O *Wissenschaftszentrum Berlin für Sozialforschung* (WZB) – *Social Science Research Center Berlin*, é alguns anos mais jovem, tendo sido fundado em 1976, mas apresenta-se como sendo o maior da Europa em sua área, acolhendo 140 pesquisadores por ano.

pareciam encerrados em sua própria tradição. O exemplo da Academia da França, em Roma, é útil aqui porque confirma uma tendência homóloga àquela das ciências sociais “aplicadas” à economia e à política, o Estado privilegiando a pesquisa em detrimento da criação (VERGER, 2002, p. 118). Após a reforma de 1970, a Academia da Villa Médicis não era mais a instituição total de antes, abrindo-se particularmente mais às mulheres, e as transformações ocorridas no recrutamento dos seus internos variando, de fato, consideravelmente, em função das disciplinas (VERGER, 2002, p. 118). Os anos 1970 são também de um relativo desabrochar das ciências sociais do outro lado da cortina de ferro, ainda que de modo desigual em um país ou outro, antes que a “estagnação” brejneviana bloqueie, durante aproximadamente 10 anos, o desenvolvimento das ciências sociais identificadas ao marxismo.

Nos anos 1980, outros centros são abertos em diversos lugares da Europa, entre eles o *Wissenschaftskolleg zu Berlin – Institute for Advanced Study Berlin* (WiKo): fundado como associação privada, tem estrutura de porte médio (40 pesquisadores convidados por ano), enquanto seu horizonte científico e intelectual é um dos mais amplos, porque acolhe igualmente bem pensadores e artistas. Ainda que os *socialscientists* sejam uma minoria na diversidade das disciplinas, coube a um conhecido sociólogo alemão, Wolf Lepenies, assegurar a presidência ao longo dos anos 1990<sup>14</sup>. A ausência da pesquisa aplicada aproximou o WiKo do modelo inicial, de Princeton, constituindo o pólo oposto da excelência em relação ao WZB, no espaço berlinense das ciências sociais<sup>15</sup>.

Este período também possui evidências que anunciam a transformação ocorrida em 1989. A narração quase heróica da fundação do *Institute for Human Sciences* (*Institut für die Wissenschaften vom Menschen*, IWM) de Viena, pelo atual diretor, Krzysztof Michalski, difere das outras em razão do insólito contexto: em 1982, três jovens pesquisadores, dois alemães e um polonês, se reuniam em Viena em um pequeno apartamento de duas peças para fundar esse instituto, destinado aos pesquisadores do Leste Europeu. A escolha de Viena era motivada por relati-

14. O *Swedish Collegium for Advanced Study in the Social Sciences* deve ser igualmente mencionado: «instituição científica nacional» situada em Uppsala, fundada em 1985 por iniciativa do conjunto de conselhos e fundações de pesquisa suecos, tornou-se uma instituição permanente apenas em 1996, após decisão do parlamento.

15. Para completar a carta, é preciso mencionar o *Max-Planck Institut für Bildungsforschung*, que representa o modelo mais tradicional da pesquisa alemã, com sua organização disciplinar mais estrita (o instituto reúne nos mesmos muros a sociologia, a psicologia e as ciências da educação, separadas em departamentos bem distintos). Bem como *Informationszentrum Sozialwissenschaften* (IZ) de Berlim, que tem como vocação favorecer as trocas de informações entre os pesquisadores e instituições de países diferentes, no domínio das ciências sociais, mais particularmente para o espaço de língua alemã, mas também com uma orientação prioritária voltada para o Leste Europeu.

vas facilidades de acesso aos intelectuais do Leste, ao passo que o modelo escolhido era aquele de Princeton. O primeiro presidente do Instituto, fundado como associação e mantido pela prefeitura de Viena e fundações Bosch, Volkswagen e Soros, foi um professor de filosofia, o padre católico Jozef Tischner. Diversas personalidades do mundo acadêmico alemão e americano apoiaram a iniciativa (Hans-Georg Gadamer, Edward Shils, Ralf Dahrendorf...). O papa João Paulo II os convidou oito vezes para sua residência de verão, no "Castel Gandolfo Colloquia". Reconhecidos tanto na Áustria quanto no cenário internacional, vários de seus amigos e *visiting fellows* participaram ativamente das revoluções democráticas de 1989. Na sequência, o IWM contribuiu para a reconstrução das universidades e das instituições de política social desses países, redistribuindo um auxílio proveniente da Comissão Européia, do governo austríaco, das fundações Ford e Körber, etc.

### Reprodução e Transformação

O período posterior a 1989 ficou marcado pela continuidade na expansão, mas ao mesmo tempo por uma grande descontinuidade no plano do ambiente político dos novos centros de excelência em ciências humanas e sociais. Tendo desabado subitamente o grande pano de fundo que havia sido a Guerra Fria, as ciências sociais tornaram-se, de uma só vez, agentes e objetos das transformações: a emergência de um campo de especialistas em economia ou sociologia exigia a presença de profissionais competentes; a reforma das universidades, os institutos de pesquisa e a abertura das fronteiras permitiam a inscrição desses quadros nos circuitos de trocas científicas. Os novos centros de excelência, criados após 1989 em algumas capitais do Centro-Leste Europeu, deviam assegurar recursos materiais e humanos para favorecer o aparecimento de novas comunidades científicas ao redor de novos temas e de novos objetos de pesquisa. Diversas iniciativas, na França e na Alemanha, tentaram responder às transformações ocorridas<sup>16</sup>. No contexto da reunificação, foi o espaço alemão das ciências sociais e políticas que conheceu as mais radicais mudanças: a oeste, seguindo o declínio das instituições especializadas no estudo da RDA e do Leste Europeu<sup>17</sup>, e a leste, após o fechamen-

16. Devem ser citados o programa *Intelligence d'Europe*, do Ministério francês da pesquisa, o *Programme Europe*, do CNRS, abandonado no meio do caminho, bem como os financiamentos alemães destinados a estudar o "Transformationsprozess" através de uma comissão especialmente constituída, KSPW (*Kommission für die Erforschung des sozialen und politischen Wandels in den neuen Bundesländern*).

17. Ver, por exemplo, as publicações reunidas nos atos de um colóquio sobre esta problemática, em *Kultur und Literatur aus Europa in Europa*, *Zirkular*, Sondernummer 48, Viena, 1996 (Minha contribuição: *Sozialwissenschaftliche Kooperations- und Forschungsprogramme der Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales und Maison des Sciences de l'Homme*, pp. 34-42).

to ou a privatização dos institutos do Leste Alemão, considerados muito marcados pela ideologia comunista.

Para os institutos alemães de pesquisas em ciências sociais situados em Berlim, como o WZB ou o Max-Planck *Institut für Bildungsforschung*, a queda do muro trouxe incontestavelmente maior difusão intelectual, inclusive através do auxílio que levou (sobretudo WZB e WiKo) ao estabelecimento das novas estruturas de excelência em Budapeste, Bucareste e Sofia<sup>18</sup>. Mas a intensificação da circulação internacional não teve efeito direto sobre as orientações desses institutos e, em alguns casos (MPI), foi possível até registrar um recuo das trocas com o Leste, em relação à situação anterior<sup>19</sup>.

Nota-se o reduzido número de países representados ou de pesquisadores convidados ao WZB ou MPI. A exceção polonesa é evidente em toda parte, já que os pesquisadores poloneses participam dos circuitos de trocas há muito tempo. A explicação é dupla, ao mesmo tempo pela história das ciências sociais na Polônia (verdadeiro centro de troca das ciências sociais entre os países ex-socialistas) e por sua história política. Seria necessário considerar igualmente o fator regional (a proximidade da Polônia, a presença de uma imigração polonesa em Berlim). A representação dos outros países difere, também, em razão das disciplinas e dos pesquisadores presentes em um dado momento, nesta ou naquela estrutura (os sociólogos húngaros, por exemplo), mas o contraste com o caso polonês é surpreendente<sup>20</sup>.

Os problemas surgidos a partir da fundação do Centro Marc Bloch “Centro franco-alemão de pesquisas em Ciências Sociais” (em 1992, mesmo ano de fundação do Collegium Budapest) e, em seguida, ao longo de sua evolução, são reveladores das transformações ocorridas nesse campo. No CMB, os doutorandos franceses que trabalham com as comparações entre as zonas de fronteira (novos Länder e países do Leste) constituem provavelmente o grupo mais unido e o mais sistemático no coletivo do Centro. Em compensação, as colaborações com os pesquisadores do Leste são acima de tudo ocasionais, e o Sudeste Europeu é praticamente ausente. A presença polonesa constitui, aqui também, uma exceção, sendo que as lacunas da parte francesa são parcialmente supridas pela presença dos pesquisado-

18. Observar igualmente as diversas ajudas fornecidas em situação de urgência por várias instituições acadêmicas alemãs no quadro do programa “*Balkan-Initiative der Berliner und Brandenburger Wissenschaft*” aos cientistas da ex-Iugoslávia, a partir de 1999.

19. Sem dúvida, a situação varia de uma disciplina para outra. O declínio da sociologia da mobilidade social, antes um tema privilegiado pelos sociólogos dos países socialistas, explica esse recuo, um atrativo maior oferecido por institutos americanos aos jovens pesquisadores do Leste Europeu (entrevista com Karl Ulrich Mayer).

20. Para outros observadores de transformações ocorridas nesse campo, “a exceção polonesa” seria recolocada em questão por novas comunidades científicas emergentes, como aquelas das pequenas repúblicas bálticas (entrevista com Vera Sparschuh no IZ).

res e doutorandos alemães, recrutados com financiamentos desse mesmo país: dois dos quatro pesquisadores trabalham com temas ligados ao Leste, sendo um dos trabalhos sobre a Polônia (Michael Esch, sobre a história social e cultural dos imigrantes do Leste Europeu no século XIX). O Centro apóia também grupos de pesquisadores trabalhando sobre o mundo russo e soviético (Jutta Scherer até recentemente, Gabor Rittersporn), mas essa orientação permanece periférica, em relação às suas principais missões<sup>21</sup>.

Contatos com os pesquisadores alemães não faltam (com a Universidade Humboldt e o WZB em Berlim, o *Zentrum für Zeitgeschichte* de Potsdam, ou a Universidade de Francfort sur Oder, Viadrina), mas diversos projetos não se concretizaram, como aquele do “Triângulo de Weimar”, de um centro franco-germano-polonês. A direção pauta-se pela prudência, propondo-se objetivos realistas em relação com seus recursos médios: o CMB, que pode acolher apenas 12 pesquisadores, renunciou às convenções de parceria com instituições alemãs na ausência de projetos em desenvolvimento e permanece receoso em relação a qualquer grande projeto. A duração média dos estágios no Centro (de 2 a 3 anos) desencoraja o engajamento em projetos de longa duração<sup>22</sup>. Assim, em longo prazo, o instituto está ameaçado, se não de isolamento (já não mantém relações com dois institutos alemães situados no mesmo edifício em Schiffbauerdamm, o IZ e o *Institut für Europäische Ethnologie*), ao menos de uma marginalidade no domínio da excelência. Para praticamente qualquer evento, o CMB deve solicitar uma instituição alemã para enviar os convites (“aqui as pessoas não vêm”) porque o Centro “não tem visibilidade”.

As dificuldades do CMB são reveladoras dos problemas que a pesquisa francesa deve enfrentar no espaço científico internacional — presa entre as estratégias de conservação e de promoção de seu próprio patrimônio, compreendido o linguístico (“a francofonia”), e a necessidade de se adaptar às regras e às condições do mercado internacional. Os “problemas de língua”, que evocamos aqui, talvez mais que em outros lugares, não são somente da ordem da comunicação, mas são igualmente materiais e simbólicos. As traduções simultâneas, indispensáveis, custam caro, o uso do inglês como *lingua franca* é corrente apenas nas ciências políticas e na economia, e existe uma disparidade entre as gerações de pesquisadores franceses no que diz respeito ao domínio do inglês ou ao conhecimento passivo de outras línguas (o alemão, no presente caso). O desenvolvimento do multilingüismo deveria ser uma prioridade para a pesquisa francesa.

Por outro lado, está confirmada a ausência de investimento no Leste Europeu pela política francesa de pesquisa (entrevista com Georg Thurn). Se os membros

21. Entrevista com Catherine Colliot-Thélène, diretora do CMB.

22. Idem.

do CMB têm bons contatos no meio científico alemão, o nível das trocas permanece insatisfatório, as conferências dos pesquisadores franceses convidados não resultam em projetos de cooperação de longa duração. Questiona-se o lugar designado à História na orientação inicial do CMB, porém o abandono das oportunidades que existiram, como as bolsas oferecidas pela Sociedade Max Planck no CNRS, ou o fechamento do antigo Programa Europa do CNRS limitaram os recursos destinados aos responsáveis das equipes de campo, obrigadas a “improvisar” seus programas (entrevistas com Catherine Colliot-Thélène e com Georg Thurn). A iniciativa de um programa europeu como o *Socialscienenet* buscava assegurar uma necessária interface franco-alemã diante do conjunto de problemas surgido com o desenvolvimento científico da “nova Europa” e responder às demandas formuladas em campo. Com o processo de ampliação da Europa, transformou-se o quadro da política científica (o abandono, por exemplo, na Alemanha, da *Transformationsforschung*), fazendo aparecer novos desafios.

### Os centros de excelência de Bucareste e Sofia

Colocando-se como missão a criação de um espaço de diálogo entre as pesquisas e os cientistas do Leste e do Oeste Europeu, o Collegium Budapest é a mais importante das novas estruturas de “excelência”, abertas do outro lado da antiga cortina de ferro. Levando em consideração as suas dimensões e recursos, ele se aproxima dos institutos de Berlim e Viena, embora grande número de pesquisas e a história recente o situem mais próximo a Bucareste e Sofia. Os bolsistas de Budapeste procedem tanto do Leste quanto do Oeste, e o montante das bolsas é de nível “ocidental”<sup>23</sup>. Nem o New Europe College (NEC) de Bucareste, nem o Center for Advanced Study (CAS) de Sofia podem atrair pesquisadores permanentes, pois as condições materiais tornam o ano sabático inviável para pesquisadores búlgaros ou romenos. O principal benefício consiste em limitar a dispersão nas atividades complementares e alimentares (acúmulo de funções e de salários). Pesquisadores ocidentais convidados a Budapeste podem permanecer durante um ano (*senior fellow*) ou mais (*permanent fellow*), enquanto que, em Bucareste ou em Sofia, eles vêm apenas para conferências esporádicas. Os únicos bolsistas estrangeiros permanentes em Bucareste são aqueles do programa regional; estes são pagos como seus colegas bolsistas romenos.

Os novos centros constituem-se em um recurso considerável, mas não representam uma verdadeira alternativa para os sistemas acadêmicos nacionais, consi-

23. Os bolsistas recebem 400 euros por mês em Sofia, 600 em Bucareste, o dobro em Budapeste, se ele são “juniors”. As bolsas dos “seniors”, categoria que não existe em Sofia ou em Bucareste, estão em Budapeste entre 2.000 e 3.000 euros.

derados como esclerosados ou em estado de quase-falência (entrevistas com Dorota Dakowska e com Ivaylo Ditchev). Os centros de Bucareste e de Sofia tiveram que enfrentar desde o início o estado de penúria e o descompasso entre a definição das prioridades de pesquisa por cientistas do Leste e por responsáveis de programas e de projetos do Oeste<sup>24</sup>. Contrariamente aos institutos homólogos do Oeste, os institutos do Leste apóiam-se essencialmente em recursos humanos locais (a grande maioria dos pesquisadores que participam, a curto, médio e longo prazo, é membro de universidades romenas e búlgaras, respectivamente) e beneficiam-se de recursos materiais e simbólicos essencialmente ocidentais. Eles ocupam, assim, uma posição multifrontal, pertinente sob diversos aspectos: culturais, lingüísticos, disciplinares e mesmo políticos, cuja gestão é delicada. As entrevistas revelaram dupla avaliação dos efeitos dessas instituições sobre o conjunto do espaço acadêmico nacional: uma é de natureza “intervencionista” (considera a universidade tradicional incapaz de renovar-se por si só e almeja a ampliação desse modelo de gestão da “excelência”), a outra é de natureza “protecionista” (condena a concorrência desleal feita ao ensino superior nacional público, ameaçado pela privatização).

A outra diferença significativa é o papel que pôde desempenhar, na formação dessas novas estruturas, a rede intelectual informal, que existia antes de 1989, onde as ciências humanas (filosofia e história da arte e da literatura, em particular) estavam mais bem representadas do que as ciências sociais, por razões evidentes, ligadas ao controle político do tempo do regime comunista exercido sobre essas últimas e através delas. Isso explica, por um lado, a reprodução das clivagens entre os dois grupos de disciplinas até os dias de hoje e, por outro lado, o desnível entre os centros de pesquisas berlinenses, como o WZB ou o MPI, e os novos centros de excelência, como o NEC em Bucareste. As ciências políticas são melhor representadas que a sociologia, o direito ou a economia. O público do NEC é composto essencialmente por intelectuais “humanistas”, e os melhores representantes das ciências sociais são encontrados em outras redes, dispondo de recursos inacessíveis aos demais (do Banco Mundial ou dos programas PHARE). O desequilíbrio existente entre as ciências humanas e as ciências sociais permite, entretanto, acrescentar, à acusação de “elitismo”, aquela de não se interessar pelos problemas sociais (graves e urgentes) da sociedade romena. Esses temas são abordados exclusivamente na ocasião de colóquios ou debates, a fim de evitar uma aproximação, considerada perigosa, entre a pesquisa e a política (entrevista com Anca Oroveanu).

24. A presença dos cientistas do Sudeste Europeu nas redes européias está limitada pelo estatuto político desses países, pois a Romênia, como a Bulgária, não passa de um país candidato à União Européia e seus pesquisadores não têm acesso às redes reservadas unicamente aos países-membros.

O NEW EUROPE COLLEGE (NEC) foi fundado em 1994, por iniciativa de Andrei Plesu<sup>25</sup>, seguindo um projeto elaborado durante seu período de permanência em Berlim, no WiKo, que foi usado como modelo. Organizar uma instituição do mesmo tipo “na Romênia e para os romenos”, assegurando-lhes “uma atmosfera e condições de trabalho” comparáveis àquelas das quais eles podiam beneficiar-se no exterior, foi possível graças à ajuda trazida por um consórcio de instituições americanas (Princeton, Stanford, North Carolina, etc.), que inventaram um prêmio, intitulado *a Nova Europa*, originado do nome *College*. Concedido a Andrei Plesu, esse prêmio permitiu a fundação do Colégio e a atribuição das primeiras bolsas (dez por ano). Posteriormente, outros financiamentos foram acrescentados aos primeiros, alguns deles regulares. O Estado romeno trouxe sua contribuição através da isenção fiscal de taxas de impostos, em favor da nova instituição. Os bolsistas, cuja média de idade tem baixado, embora ainda permaneça mais elevada que em outros lugares, têm em princípio a possibilidade de se liberar de outras obrigações para se consagrar aos seus projetos de pesquisa, que não fazem parte dos programas dos institutos ou universidades nas quais eles trabalham. Beneficiam-se igualmente de um mês de viagem ao estrangeiro em uma instituição acadêmica de sua livre escolha para encontrar especialistas de sua área e ter acesso a bibliotecas mais bem equipadas. Outros programas aliam-se ao programa inicial. O RELINK (1996-2002) facilitava a reintegração à vida acadêmica romena daqueles que estudaram no exterior, ajudando-os a manter seus contatos. Esse programa era mais direcionado ao ensino do que à pesquisa, prevendo uma maior implicação de seus bolsistas em suas universidades de origem, através de diferentes meios, entre os quais a aquisição de livros finalmente destinados às bibliotecas universitárias. Há igualmente outros pequenos programas<sup>26</sup>. O mais recente deles é regional e visa a aproximação das redes do Sudeste Europeu, através de convite aos bolsistas (10) búlgaros, turcos, gregos, moldávios, etc.

Fundado em novembro de 2000, o CAS direcionou-se desde o início às pesquisas regionais, propondo-se a “universalizar a problemática regional”. Dirigido por dois historiadores da cultura, Aleksander Kiossev e Diana Michkova, o CAS criou dois grandes projetos (*Nexus-Project*, *Identity Reader*) e um programa

25. Nascido em 1948, professor de filosofia da religião (especialista em anjos) na Universidade de Bucareste, antigo ministro da cultura e das relações exteriores nos governos romenos pós-comunistas, é conhecido como “personalidade carismática” nas diversas entrevistas.

26. O programa GE-NEC, da Fondation Getty (quatro bolsistas romenos por ano e o convite de pesquisadores especializados na área das artes visuais, da arqueologia, dos estudos culturais), o programa sobre a integração europeia na perspectiva das religiões e dos estudos religiosos, financiado pela Fondation Bolzmann, que não atribui bolsas, mas os pesquisadores são vinculados ao NEC por seus estudos.

cultural auxiliar (um seminário poético). Os únicos membros permanentes do CAS são seus diretores (como em Bucareste), e o centro visa uma abertura para as ciências sociais, ausentes durante os primeiros anos. Entre os objetivos fixados, figuram a limitação do *brain drain* e o estabelecimento de vínculos com os pesquisadores búlgaros residentes no exterior. Os fundadores do centro dispõem de pouco conhecimento a respeito da rede da qual fazem parte, e a circulação internacional não leva em conta as necessidades de intercâmbios e de cooperação regional (daí resultam os objetivos próximos estabelecidos pelos programas regionais do NEC e do CAS).

### Olhares Cruzados

Nessas condições, não é surpreendente que as críticas direcionadas a esses novos centros sejam formuladas, sobretudo, por pesquisadores em ciências sociais<sup>27</sup>. Essas críticas têm por objeto seus efeitos no ambiente acadêmico nacional e, de modo mais geral, suas condições de desigualdade nas trocas científicas entre o Leste e o Oeste. A falta de transparência na seleção dos candidatos e na organização dos programas é igualmente criticada.

A criação do CAS teria sido necessária mais cedo, no início dos anos 90, quando os recursos financeiros eram mais abundantes; naquele momento, um centro de excelência poderia ter desempenhado um papel importante na conservação dos trabalhos de pesquisa e das bases de dados, impedindo que uma descontinuidade tão relevante se instalasse, após 1989<sup>28</sup>. Uma forma de controle e de avaliação dos projetos em curso, desta vez sem centralização e sem censura, teria sido desejada (entrevista com Liliana Deyanova).

Para melhor compreender esta crítica, é necessário levar em consideração os efeitos contraditórios da internacionalização acelerada dos anos 1990 sobre a sociologia búlgara. A sociologia dispunha, antes de 1989, de um *status* relativamente privilegiado na Bulgária, diferentemente de outros países comunistas: os sociólogos búlgaros podiam participar de intercâmbios científicos internacionais, e isso para além das redes dos países do COMECON; estudantes búlgaros puderam fazer seus estudos na França nos anos 1980; pesquisadores franceses estiveram na Bulgária para estabelecer contatos; etc. Após 1989, a escolha dos temas de pesquisa foi imposta por financiamentos externos: a prioridade absoluta recaía sobre os conflitos interétnicos, transformados em tema obrigatório, pois este era financia-

27. Cf. as entrevistas com Nikolai Guénov, Liliana Deyanova, Svetla Koleva, Ivaylo Ditshev em Sofia. Cezar Barzea, Vintila Mihailescu e Andrei Hoisie-Corbea em Bucareste e em Iasi.

28. Uma função comparável àquela que desempenhou o IZ de Berlim.

do pelos programas Soros. As iniciativas e os impulsos vindos do exterior estruturaram o espaço da pesquisa sociológica na Bulgária, privada de redes internas duráveis. Associações profissionais, como a Associação Internacional dos Sociólogos da Língua Francesa, tornaram-se um quadro de referência para uma parte da comunidade de sociólogos búlgaros. Uma certa dinâmica organizacional existiu no início, com a criação de diversas ONGs, mas esta dinâmica não existe mais, e a situação atual tornou-se precária. Os programas de acolhimento nas universidades e institutos de pesquisa do Oeste, desenvolvidos após 1989 (Tempus, PAST, Socrates, etc.), são julgados de modo diferenciado: alguns decepcionam. A ajuda material é insuficiente: freqüentemente, apenas os estudantes que dispõem de outros recursos (familiares) podem realmente se beneficiar desses projetos.

Na opinião dos sociólogos búlgaros encontrados, a *profissionalização* da sociologia é um dos efeitos maiores desta internacionalização: multiplicação das pesquisas empíricas, extensão dos métodos comparativos e aprendizagem de métodos de trabalho comuns com outros pesquisadores – graças ao funcionamento em rede –, perspectiva interdisciplinar, vida associativa permanente e autônoma... Uma nova ética profissional estaria tomando forma no interior da comunidade dos sociólogos búlgaros, sob impulso desta modalidade profissional internacional, com suas lutas por autonomia e reconhecimento.

Ao mesmo tempo e de forma contraditória, outros efeitos contribuíram para uma *desprofissionalização*, principalmente em razão do declínio da sociologia entre as ciências sociais em geral. Atualmente, os mais jovens pesquisadores viajam menos do que viajavam nos anos 1990, os estágios de pesquisa são mais curtos que anteriormente. Observa-se um fechamento progressivo das possibilidades de oferta. O financiamento nacional da pesquisa científica tornou-se irrisório, e inúmeros centros de pesquisas, anteriores a 1989, unidos aos diferentes ministérios, fecharam, tiveram seus financiamentos cortados. Um outro indicador de uma *desprofissionalização* seria a ausência de recepção interna de publicações locais: ausência de prestação de contas nas revistas científicas ou na imprensa de grande público. O desaparecimento das críticas de trabalhos existentes dá a impressão de que “cada projeto começa do zero” e, conseqüentemente, “não há efeitos cumulativos das pesquisas, não se citam os colegas, as pesquisas são feitas em paralelo”. Esta prática bloqueia a criação de vínculos horizontais no interior da comunidade científica (entrevista com Liliana Deyanova). A “grande miséria em matéria de livros e fontes documentais” aumenta a dependência em relação aos recursos externos: a ausência de fundos das bibliotecas é crônica; as doações, como aquela da Maison de Science de l’Homme, não satisfazem todas as necessidades, de onde se constata que “o estado das bibliotecas era melhor na época totalitária”, apesar do caráter inacessível ou demasiado restritivo de uma certa literatura ocidental naquela época.

A participação em projetos europeus suscita, ela também, um certo número de críticas por parte dos sociólogos búlgaros e romenos: a exploração dos colegas como “mão-de-obra” técnica para a compilação de dados ou como fonte de idéias seria freqüente. Alguns encontram interesse nesse tipo de intercâmbio, mesmo que seja desequilibrado, pois certos pesquisadores podem se fazer notar e ser recrutados, em seguida, na qualidade de especialistas para os países vizinhos (entrevista com Cezar Barzea; esta situação pode ser encontrada para além das ciências da educação romenas). A defasagem manifesta-se igualmente no domínio das traduções, que se fazem, via de regra em sentido único: as revistas do Oeste não publicam artigos de pesquisadores do Leste; os estudantes búlgaros, por outro lado, quando realizam trabalhos diplomados no exterior, não citam seus professores búlgaros (contrariamente do que haveriam feito na Bulgária), não se sentindo mais obrigados a ter estratégias de promoção no seio de sua comunidade científica de origem!

Por sua vez, a sociologia romena conheceu, após 1990, uma situação das mais privilegiadas entre as ciências sociais, graças às pesquisas de opinião e ao fato de ter sido muito solicitada para projetos do Banco Mundial e do programa PHARE. Entretanto, a sociologia tornou-se, por um lado, muito dependente do mercado e reduzida a três ou quatro domínios de pesquisa remunerada (pobreza, relações interétnicas, desenvolvimento local). Por outro lado, está fortemente inserida na política, com a constituição de um verdadeiro monopólio no interior da disciplina, na gestão dos fundos do Banco Mundial para a pesquisa e, ao mesmo tempo, no ensino e controle das instâncias de consagração acadêmica (a Comissão Nacional dos diplomas, a Comissão de habilitação). Esse reconhecimento, essencialmente político, contrasta com o quase desaparecimento das revistas científicas em sociologia. (entrevista com Vintila Mihailescu)

Nesses dois países-membros da comunidade francófônica, o francês estaria em péssima posição: está cada vez mais difícil encontrar estudantes que tenham ao menos conhecimentos passivos de francês. Aqueles que se inscrevem na carreira francófônica são raros e permanecem separados dos demais, que se apóiam sobre outra bibliografia. Trata-se de dois mundos praticamente sem contato. (entrevistas com Dorota Dakowska e Vintila Mihailescu).

A questão da formação de uma nova geração de pesquisadores é sensível para cada uma dessas disciplinas. Ela se colocou de maneira radical para as ciências da educação na Romênia, pois esse tipo de ensino havia sido suprimido nos anos 1980. Se a renovação das gerações é um sucesso, o grupo intermediário, aquele dos especialistas de 50 anos, é o pior representado, quando deveria desempenhar um papel determinante, propor modelos de conduta científica, modelos sociais. Esse “parêntese demográfico” deve-se à ruptura anterior a 1989 e, ao mesmo tempo, à falta de atração por uma carreira na pesquisa, após 1989. (entrevista com Cezar Bârzea)

O retorno à Romênia, após longos períodos de estudos no oeste da Europa, continua a ser uma pesada tarefa. A *hemorragia* provocada pela saída de jovens professores é sempre um problema grave. Os investimentos realizados para os estudos no oeste não levaram suficientemente em conta a questão do acesso aos livros, às bibliotecas. As doações de livros e de coleções de revistas antigas, tão inúteis aos seus doadores quanto seriam à Romênia ou à Bulgária, não são um fenômeno raro. A universidade não mais dispõe de meios, mesmo restritos, dos quais dispunha até recentemente, para aquisição de livros e para as assinaturas de revistas científicas. As bolsas concedidas pelo Banco Mundial são as únicas que suprem parcialmente certas lacunas das bibliotecas (entrevista com Andrei Corbea-Hoisie).

Acredito que o problema central [da internacionalização] é a capacidade de aprendizagem e de aplicação em território romeno; muito do que é aprendido [no exterior] não é executável, pois o sistema [romeno] não está preparado, por razões essencialmente históricas. Aqueles que retornam após um período mais longo de estudos no exterior têm dificuldades de readaptação à sociedade romena. Muitas vezes eles não fazem sequer um esforço, permanecem dependentes de suas antigas conexões, são desenraizados. O investimento educativo, a longuíssimo prazo, é uma fonte de desenraizamento. Os estágios de alguns meses, no âmbito dos projetos comuns, são melhores: os objetivos são precisos, os jovens pesquisadores são integrados em uma equipe, não se encontram sós.” (entrevista com Cezar Bârzea)

### Problemas Estruturais

No presente estágio da pesquisa, observamos que essas novas estruturas partilham um certo número de problemas estruturais comuns. A apresentação sucinta desses problemas será conclusiva a estas notas de pesquisa.

a) A REFORMULAÇÃO DAS PRIORIDADES POLÍTICAS ENQUANTO PRIORIDADES CIENTÍFICAS através dos financiamentos e do estabelecimento de programas de pesquisa. As noções de ampliação da Europa e do espaço científico europeu ocupam uma posição estratégica na orientação dos temas de pesquisas e da mobilidade internacional dos pesquisadores. Antigas entidades geopolíticas como o Leste Europeu vivenciaram uma redefinição de suas fronteiras regionais, em função de sua proximidade com a Europa politicamente unificada (a Europa Central, o Leste Europeu e o Sudeste Europeu, “PECO”<sup>29</sup>), fato que abre a questão dos limites da

29. Nota do Tradutor: Países da Europa Central e Oriental.

Europa “Oriental” e do grau de penetração da idéia da Europa Ocidental em relação à Rússia (a antiga “questão oriental” recolocada)<sup>30</sup>.

b) A PARTICIPAÇÃO DESIGUAL NA MOBILIDADE CIENTÍFICA INTERNACIONAL. Um dos objetivos fundamentais desses centros de excelência é facilitar a circulação internacional dos pesquisadores nos dois sentidos: seus programas e projetos prevêem, de uma só vez, estágios no exterior (no Oeste) para seus bolsistas e convites aos pesquisadores do Oeste para conferências (longos períodos de permanência são apenas possíveis em Budapeste). A aceleração das trocas (com todos os programas envolvidos), após 1989, fez diminuir sensivelmente as distâncias, entretanto, não as aboliu! Inúmeros problemas de ordem funcional estão assinalados, como a necessidade de cumprir estágios médios ou longos de pesquisas nos países vizinhos. Os programas regionais não fizeram desaparecer, ao que parece, o “ocidentalismo” das trocas entre Leste e Oeste.

c) AS CONTRADIÇÕES ENTRE AS REDES INTERNACIONAIS DE EXCELÊNCIA E OS SISTEMAS NACIONAIS DE FORMAÇÃO DAS ELITES. As instituições do Estado, universidades e academias de ciências, com seus institutos de pesquisas, e o recente setor privado – do qual fazem parte os centros de excelência com financiamento internacional (privado e público) – encontram-se, algumas vezes, em oposição na definição de suas prioridades e na divisão dos campos. As representações de uns e de outros aparecem muito contrastantes nesse ponto: acusações de elitismo e de indiferença em relação às urgências sociais e políticas dos países implicados, manifestações de “tolerância” ou de “indiferença”, expressões da concorrência ou da competição. Apesar dos programas explicitamente orientados no sentido de limitar o *brain drain*, a diversificação dos recursos e o suporte ao desenvolvimento das estruturas acadêmicas nacionais, a suspeita de participar da exportação ou da “desinserção” das elites, do crescimento das desigualdades — vide fenômeno de exclusão social que atinge particularmente as novas gerações — recai sobre esses centros transnacionais de excelência. Deter-se-ão nesse ponto diversas propostas de intervenção direta nos espaços universitários nacionais e flexibilização dos programas de mobilidade, com o objetivo de adaptá-los à demanda e de evitar a “desinserção”.

d) A INTEGRAÇÃO TRANSDISCIPLINAR E TRANSNACIONAL EM FACE DO PROCESSO DE PROFISSIONALIZAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS. As relações entre as ciências humanas e as ciências sociais foram definidas no novo quadro institucional. A posição dominante das ciências sociais transformou-se, conservando ainda um forte laço no espaço político. Diversas disciplinas novas, como a história cultural ou as ciências da cultura (*cultural studies*, pesquisas sobre a identidade), ou ainda as ciências políticas ocupam uma posição transdisciplinar por excelência.

30. Agradeço a Jean-Pierre Faguer por ter me chamado a atenção para esta questão.

A essa dicotomia de origem política entre ciências sociais e ciências humanas, acrescentam-se diferenças ligadas às tradições culturais nacionais, o que provavelmente explica a sub-representação das ciências sociais no NEC, em Bucareste.

A questão das relações interdisciplinares mereceria ser analisada mais profundamente, especialmente no que concerne ao lugar das ciências políticas, aos laços e às rupturas entre as ciências políticas e a sociologia, às possibilidades de integrar nesse espaço as ciências econômicas e o direito, etc.

e) A ENTRADA EM UM MUNDO INTERNACIONAL MULTIPOLAR. Para além das diferenças nacionais e regionais, esse espaço é estruturado por eixos internacionais que distinguem os pólos econômicos desenvolvidos e subdesenvolvidos (o Norte e o Sul) ou as entidades políticas transnacionais (a Europa unificada, a América do Norte, a Rússia...). A escolha das línguas de comunicação pode ser reveladora de múltiplos problemas: a inclusão ou não de um espaço cultural em um centro de pesquisas (o russo no CMB, por exemplo); a participação desigual nas trocas internacionais, em função do domínio do inglês; as divergências de orientações epistemológicas entre o mundo anglo-saxão e o mundo francofônico, no caso de algumas disciplinas em ciências sociais e políticas. As definições restritivas da excelência (por exemplo, em determinado formulário do Collegium Budapest, em razão do número de publicações em inglês) apontam as clivagens e as contradições que os membros dessas comunidades têm que enfrentar.

Considerado de maneira geral, o preço da excelência pago por essas comunidades emergentes durante os anos de transição foi muito elevado, se atentamos exclusivamente à redução maciça de seus efetivos<sup>31</sup>. Se houve uma melhora nas condições materiais do trabalho no campo universitário e científico, isso se fez na forma de uma redistribuição muito desigual dos recursos. Uma das contradições próprias desse campo (participar dos programas de longa duração ou de curtos períodos de permanência para evitar a “desinserção”) faz com que a entrada dos pesquisadores nos circuitos internacionais contribua de maneira muito limitada na transformação das condições de trabalho. Tudo leva a crer que a articulação entre a política científica europeia e a política de desenvolvimento dos países candidatos à União Europeia constitui um dos maiores desafios para os próximos anos.

---

31. Na Romênia o número de pesquisadores diminuiu de 130.000 para 30.000, aproximadamente, de 1990 a 2003.

## Referências bibliográficas

- EYAL, Gil; SZELENYI, Ivan; Townsley, Eleanor. *Making Capitalism without Capitalists: Class Formation and Elite Struggles in Post-Communist Central Europe*. London: Verso, 1998.
- GHEORGHIU, Mihai Dinu. Institutions totales ou institutions bâtarde? Les anciennes écoles de cadres des partis communistes et leur métamorphoses. In: AMOUROUS, Charles; BLANC, Alain (org.). *Erving Goffman et les institutions totales*. Paris: L'Harmattan, 2001. p.175-198.
- GHEORGHIU, Mihai Dinu. La mobilité universitaire internationale, la formation et les reconversions des élites des pays ex-socialistes. In: BROADY, Donald; SAINT MARTIN, Monique de; CHMATKO, Naracha (eds.). Actes du colloque *Formation des élites et culture transnationale*, Colloque de Moscou, 27-29 avril 1996, Centre de Sociologie de l'Éducation et de la Culture, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, SEC, ILU, Université d'Uppsala, Centre de sociologie franco-russe, Moscou, 1998, p. 297-318.
- JACKESON, Douglas N.; RUSHTON, J. Philippe (eds.). *Scientific Excellence: Origins and Assessments*. Beverly Hills, London, New Delhi: Sage Publications, 1987.
- DEFRANCE, Jacques. *L'Excellence corporelle. La formation des activités physiques et sportives modernes. 1770-1914*. Rennes-Paris: Presses universitaires de Rennes, 1987.
- GEMELLI, Giuliana. *Fernand Braudel*. Paris: Odile Jacob, 1995, p. 252.
- MICHAEL, Pollak. *Une identité blessée*. Paris: Métailié, 1993, p. 381-392.
- MAZON, Brigitte. *Aux origines de l'École des hautes études en sciences sociales: le rôle du mécénat américain, 1920-1960*. Paris: Cerf, 1988.
- SRUBAR, Ilja (org.). *Exil, Wissenschaft, Identität. Die Emigration deutscher Sozialwissenschaftler 1933-1945*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- POLLAK, Michael. Paul F. Lazarsfeld, fondateur d'une multinationale scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 25, 1979.
- VERGER, Annie. *Le devenir professionnel et artistique des pensionnaires de l'Académie de France à Rome (1971-1999)*. Paris: Rapport, CSE, 2002, p. 118.

Recebido em 03 de agosto de 2004 e aprovado em 02 de fevereiro de 2005.